

## O artesanato doméstico no cotidiano da mulher

Domestic craftsmanship in the daily life of women

La artesanía doméstica en la vida cotidiana de las mujeres

Received: 03/25/2021 | Reviewed: 03/30/2021 | Accept: 04/08/2021 | Published: 04/18/2021

**Glauber Soares Junior**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9902-9740>  
Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
E-mail: [glauber.junior@ufv.br](mailto:glauber.junior@ufv.br)

**Angelita Alves de Carvalho**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9342-4181>  
Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Brasil  
Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
E-mail: [angelita.carvalho@ibge.gov.br](mailto:angelita.carvalho@ibge.gov.br)

### Resumo

Este artigo foi produzido com a finalidade, de se compreender, em um contexto histórico e atual, a participação da mulher na manutenção de atividades artesanais têxteis. Para tal, esta pesquisa se caracteriza como de abordagem qualitativa, do tipo descritivo-exploratório, pautando-se em dados bibliográficos. O marco teórico da pesquisa é constituído de autores que estabelecem suas discussões ao redor da categoria trabalho e que apresentam a dualidade existente na inserção do contingente feminino nesse campo. Ademais, utiliza-se de autores que analisam a produção artesanal doméstica no cotidiano da mulher em uma perspectiva social e econômica e auxiliam na compreensão do contexto histórico relativo ao trabalho feminino, essencialmente com o artesanato, apontando as possibilidades de potencialização de seus trabalhos por meio da inserção de artesãs em entidades de economia solidária. Em relação aos principais resultados, destaca-se que as mulheres sempre trabalharam e que o artesanato está presente em seu cotidiano por muito tempo, seja por se tratar de uma atribuição que lhe fora designada – através de uma construção social que atribuí à mulher uma função reprodutiva e de manutenção do espaço doméstico – ou por se tratar de uma opção para adquirir renda. O trabalho artesanal realizado por mulheres em seus domicílios faz com que estas enfrentem situações difíceis através da articulação do trabalho remunerado e da manutenção do espaço doméstico, sendo a inserção de artesãs em entidades de economia solidária, entendida como uma forma que pode auxiliar o trabalho dessas mulheres.

**Palavras-chave:** Artesanato doméstico; Mulher; Trabalho.

### Abstract

This article was elaborated with the purpose of understanding, in a historical and current context, the participation of women in the maintenance of textile handicraft activities. For this purpose, this research is characterized by a qualitative approach, of a descriptive-exploratory type, based on bibliographic data. The theoretical framework of the research is constituted by authors who establish their discussions around the work category and who present the existing duality in the insertion of the female contingent in the field of work. In addition, authors who analyze domestic handicraft production in the daily life of women in a social and economic perspective and help in the understanding of the historical context related to women's work, essentially with handicraft, pointing out the possibilities of empowerment of their work through the insertion of craftswomen in solidarity economy entities. In relation to the main results, it is highlighted that women have always worked and that handicrafts have been present in their daily lives for a long time, either because it is a task that had been assigned to them - through a social construction that gave women a reproductive function and maintenance of the domestic space - or because it is an option to acquire income. Crafts made by women in their homes make them face difficult situations through the articulation of paid work and the maintenance of the domestic space, being the insertion of craftswomen in solidarity economy entities, understood as a way to help the work of these women.

**Keywords:** Home craftsmanship; Woman; Work.

### Resumen

Este artículo se elaboró con el propósito de comprender, en un contexto histórico y actual, la participación de las mujeres en el mantenimiento de las actividades de artesanía textil. Por ello, esta investigación se caracteriza por ser un enfoque cualitativo, de tipo descriptivo-exploratorio, basado en datos bibliográficos. El marco teórico de la investigación está compuesto por autores que establecen sus discusiones en torno a la categoría de trabajo y que presentan la dualidad existente en la inserción del contingente femenino en el ámbito laboral. Además, se recurre a autores que analizan la producción artesanal doméstica en la vida cotidiana de las mujeres en una perspectiva social y

económica y ayudan a la comprensión del contexto histórico relacionado con el trabajo femenino, esencialmente con la artesanía, señalando las posibilidades de valorización de su trabajo a través de la inserción de las artesanas en entidades de economía solidaria. En cuanto a los principales resultados, cabe destacar que las mujeres siempre han trabajado y que el oficio está presente en su vida cotidiana desde hace mucho tiempo, ya sea porque es una tarea que les fue asignada -a través de una construcción social que asigna a las mujeres una función reproductiva y de mantenimiento del espacio doméstico- o porque es una opción para adquirir ingresos. El trabajo artesanal realizado por las mujeres en sus hogares las hace enfrentar situaciones difíciles a través de la articulación del trabajo remunerado y el mantenimiento del espacio doméstico, y la inserción de las artesanas en entidades de economía solidaria se entiende como una forma de ayudar al trabajo de estas mujeres.

**Palabras clave:** Artesanía doméstica; Mujeres; Trabajo.

## 1. Introdução

Esse artigo foi desenvolvido com intuito de se compreender, em um contexto histórico, a participação da mulher na manutenção de atividades artesanais têxteis. Ademais, objetiva-se também analisar a relevância deste trabalho para mulheres na atualidade. Nesse sentido, busca-se evidenciar que na contemporaneidade, de maneira geral, as mulheres artesãs enfrentam dupla – e até tripla – jornada de trabalho. Isso ocorre, pois, precisam conciliar a manutenção do espaço doméstico, o cuidado, e em alguns casos o estudo, com a execução de suas atividades remuneradas. Há de se destacar que em muitos dos casos, o trabalho é realizado dentro do próprio domicílio, sendo esta uma das características da informalidade do setor artesanal. Segundo Giddens (1991), a descentralização do local de trabalho é uma das características do trabalho informal geral. Nesse sentido, aponta-se a inserção de artesãs em entidades de economia solidária como uma maneira de resiliir a essas problemáticas e de empoderar tal trabalho.

O marco teórico deste artigo se constitui principalmente dos conceitos apresentados por autores que fundamentam seus estudos em torno da categoria trabalho (Albornoz, 1988; Giddens, 1991; Antunes, 2009; Semeghini, 2009). Além disso, utilizou-se também de autores pertencentes à corrente teórica que analisa a produção artesanal doméstica no cotidiano da mulher em uma perspectiva social e econômica (Akilandeewari & pitchai, 2018; Shah & Patel, 2018; Black, Miller & Leslie, 2019; Guppy, Sakumoto & Wilkes, 2019; Spahija, 2019; Lind, 2020; Nizamani, Ram & Latif, 2020). Ademais, foram utilizadas referências que auxiliam na compreensão do contexto histórico relativo ao trabalho feminino, essencialmente com o artesanato e que apontam as possibilidades de potencialização de seus trabalhos por meio da inserção de artesãs em entidades de economia solidária (Figueiredo, 2004; Singer, 2008; Morais et al, 2011; Matos & Borelli, 2012; Pinsky, 2012; Perrot, 2013; Barbosa & D'ávila, 2014; Possatti & Dewes, 2014; Silva, 2015; Sereno & Keller, 2017; Pereira, 2019).

Nesse aspecto, em termos de estrutura, para além desta introdução, do tópico específico que apresenta a metodologia da pesquisa e das considerações finais, este artigo é iniciado com a apresentação de apontamentos acerca da categoria trabalho e da dualidade existente na inserção do contingente feminino no campo do trabalho. Na sequência, apresenta-se a questões de os trabalhos domésticos ainda serem realizados principalmente pelas mulheres. Sequencialmente, apresenta-se o artesanato enquanto um trabalho realizado em âmbito doméstico, evidenciando os desafios enfrentados pelas mulheres ao realizarem este trabalho em seus lares. Por fim, entendendo que na manutenção do trabalho artesanal doméstico, as mulheres enfrentam situações difíceis, são apresentadas as formas da participação de artesãs em entidades de economia solidária, expondo as possíveis contribuições que estas instituições trazem para o trabalho dessas mulheres.

## 2. Metodologia

Este artigo se classifica enquanto sua abordagem como sendo qualitativo, em que segundo Fonseca (2002), pesquisas desta natureza são desenvolvidas com o foco na interpretação de um objeto de estudo. Nesse sentido, tem-se uma grande preocupação quanto ao contexto do objeto estudado, assim, a contiguidade de quem executa a pesquisa com o objeto estudado é maior. Ademais, através das pesquisas qualitativas, consegue-se alcançar um intervalo maior em relação ao tempo estudado,

conseguindo também analisar uma maior quantidade de fontes de dados. Nesse artigo, as fontes pesquisadas foram exclusivamente bibliográficas. A partir do exposto, e como elucidado por Vieira e Tibola (2006), entende-se que o estudo qualitativo se fundamenta por meio de análises qualitativas, não sendo utilizados de dispositivos estatísticos para realização da análise dos dados coletados.

No tocante ao delineamento do estudo, trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, na medida em que se tem uma maior familiaridade com o objeto estudado e também o intuito de se descrever um determinado fenômeno (Tonetto, Brust-Renck & Stein, 2014). Através da pesquisa descritiva, tem-se o estudo de variáveis de um fenômeno específico sem que haja manipulação das mesmas. A pesquisa “[...] descritiva constata e avalia essas relações à medida que essas variáveis se manifestam espontaneamente em fatos, situações e nas condições que já existem” [...] (Köche, 2011, p. 124). A assimilação com o método exploratório permite que seja possível “[...] descrever ou caracterizar a natureza das variáveis que se quer conhecer” (Köche, 2011, p. 126).

Para atingir os objetivos elaborados, este estudo foi realizado por meio de um levantamento bibliográfico. A escolha pela pesquisa bibliográfica se deu pelo fato de que segundo Gil (2008, p. 50), “[...] em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários”. Ainda de acordo com o mesmo autor, as pesquisas bibliográficas são fundamentadas por meio de dados e referências teóricas que já existem. Nesse sentido, se utiliza de fontes já publicadas – e consequentemente validadas por uma avaliação por pares – como livros e artigos científicos – sendo estes os dois meios de aquisição dos dados desta pesquisa – que já foram tratados analiticamente.

Através da pesquisa por meio de fontes bibliográficas, pode-se conhecer e interpretar as principais conceituações que explicam um fenômeno específico, sendo esta uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de pesquisas científicas (Köche, 2011). Como elucidado pelo autor citado, entre outras questões, o estudo bibliográfico permite que seja construído um arcabouço teórico que explique um problema de pesquisa auxiliando na formulação de hipóteses.

### **3. Resultados e Discussões**

#### **3.1 Apontamentos acerca da categoria trabalho**

A palavra ‘trabalho’ é utilizada de maneiras distintas ao longo da história sendo, por conseguinte uma construção histórica. Albornoz (1988) busca evidenciar o processo em que o homem começa a entender a importância do trabalho – da ação trabalho – na sociedade, processo este em que se tem evidenciado que o trabalho transforma a natureza e a sociedade, constituindo, por conseguinte, elementos que permitem fundamentar a sua conceituação e representação. Assim, a autora estabelece reflexões no tocante aos efeitos que o trabalho influi nas sociedades industriais, possibilitando que sejam assimiladas as distinções entre as categorias trabalho – uma ação transformadora, mas que em muitas instâncias, torna-se difícil, ainda que necessária –, labor – o trabalho do homem para sobrevivência – e emprego – apresentado pela autora como o trabalho institucionalizado.

Então, ao tencionar sobre a categoria trabalho, Albornoz (1988) evidencia a existência de diferentes tipos de trabalhos que geram distintos efeitos na esfera social. Nessa perspectiva, são apresentados pela autora dois tipos de trabalho, sendo estes o intelectual – que acarreta em transformações na sociedade – e o físico – um trabalho que no ponto de vista da autora é delegado para classes servis, onde os servos realizam atividades que lhes são direcionadas.

Antunes (2009) auxilia para que se possa compreender o que ele intitula como os sentidos do trabalho. O autor reflete acerca de sentidos – ideologias, discursos, hegemonias e reproduções – a partir do processo capitalista de reprodução. Nesse sentido, são explanadas as transformações que ocorrem no mundo contemporâneo, destacando os princípios, os significados e as consequências destas. Em linhas gerais, tem-se destacado que a precarização do trabalho bem como a elevação do número de desemprego é fruto da lógica do sistema de produção de mercadorias, fundamentado em concorrências e na alta

produtividade, mas em um processo destrutivo. O autor destaca que na sociedade do trabalho abstrato – uma sociedade de risco como apontado por Beck (2010) – o trabalho passa a ser descentralizado. Antunes aborda aspectos relativos à jornada de trabalho – algo importante no que tange a sociabilidade na contemporaneidade – focando na questão da ontologia do trabalho, fundamentando suas argumentações, essencialmente no pensamento de Lukács.

Semeghini (2009) também se respalda nos estudos de Lukács e sua abordagem do ser social, ilustrando que se trata de uma grande colaboração para uma reflexão filosófica no que tange a categoria trabalho, entendendo-a como um componente essencial que explica o homem e o processo social fundamentado pela ontologia.

É importante situar conforme salienta Semeghini (2009), que ao trazer reflexões acerca do trabalho apoiado em Lukács, identificam-se três momentos fundamentais para que se possa compreender o ser social: o trabalho em seu caráter fundante do ser social; o trabalho e seu papel significativo na relação entre teleologia e causalidade; e a questão da consciência que surge do processo de sociabilidade propiciada pelo trabalho, como um produto das relações estabelecidas pela práxis social. Nas teses centrais de Lukács, o trabalho é tido como a categoria mais importante em relação ao ser social, pois esta centrada nas relações da vida em sociedade. Fundamentando com o enfoque na ontologia do ser social, o filósofo sustenta uma orientação que auxilia na compreensão da relação homem-natureza e as inúmeras formas existentes de sociabilidade, doravante do processo evolutivo sócio-histórico da sociedade (Semeghini, 2009).

A abordagem de Lukács em relação ao trabalho faz com que a entendemos como atividade essencialmente humana. Lukács evidencia os relevantes aportes de Hegel e Aristóteles para a questão da ontologia do ser social, contudo, para ele, a compreensão do trabalho como uma categoria humana e concreta foi realizado apenas por Marx – que contribuiu grandemente para a compreensão do pensamento na fundamentação da práxis social. Então, para o autor, o homem só pode ser compreendido com base em sua ação, de sua atividade real e concreta – principalmente o trabalho. Lukács parte então da metodologia de Marx para buscar o seu entendimento acerca do ser social em seu caráter complexo, buscando no trabalho, as formas de sociabilidade existentes. Então, faz-se possível compreender o homem enquanto indivíduo e enquanto coletividade por meio do trabalho, diferenciando-o da natureza, fazendo-o o responsável pelo seu destino (Semeghini, 2009).

Lukács, em respeito à essência do trabalho, se sustenta nas teorias de Marx, para elucidar o que ele diz se tratar do surgimento central da ontologia do trabalho. Para o autor, o trabalho exprime a mudança do ser biológico para o ser social, tendo o seu meio na categoria teleológica – a capacidade de idealizar o projeto antes de colocá-lo em prática. O trabalho é uma categoria intermediária que propicia ontologicamente o avanço do que ele chama de formas pré-humanas para o ser social. O trabalho está no núcleo do processo de humanização do homem. Por intermédio do trabalho, o ser social cria as suas condições de reprodução (Antunes, 2009).

A subjetividade nesse processo é um importante elemento que constitui o mundo humano, sendo um componente social e não natural. As ações humanas cotidianas causais são atos orientados pela teleologia. A teleologia – própria do trabalho – faz entender que o universo tem uma finalidade – que seria a ordenação do Universo. É o que dá sentido ao ser atribuído pelo ser humano. Nesse sentido, o fim seria concebido como causa e como princípio. O homem é então orientado pela racionalidade. O trabalho seria o resultado que o ser social idealiza em sua mente (Antunes, 2009; Semeghini, 2009).

Antunes (2009) ao abordar o trabalho na modernidade, aponta que os componentes que constituem a crise estrutural do capital modificam de maneira acentuada os âmbitos socioeconômicos, políticos e ideológicos, impactando fortemente a classe que vive do trabalho. O modo de produção se transforma, passando a buscar por formas de acumulação flexibilizadas. O trabalho fundamentado no taylorismo e no fordismo – padrões que começaram a ser comprometidos no final de 1960 – era estruturado de forma homogênea e vertical. Na indústria massificada, a ação dos trabalhadores passa a ser mecanizada e repetitiva. O capitalismo se reorganiza – opondo-se ao poder que emergia das lutas de classe, buscando continuar detendo de um poder hegemônico – na medida em que passa a explorar a inteligência dos trabalhadores, com o pensamento de que assim

estes seriam polivalentes, e mais qualificados. Nesse período foram desenvolvidas tecnologias eletrônicas, sendo implantado o toyotismo.

Queiroz e Souza (2020) também fundamentam suas argumentações acerca da categoria trabalho nas teorias de Lucáks e de Marx. Por essa ótica, o trabalho é compreendido como uma relação social que modifica a vida do homem e o lugar em que ele vive. Trazendo a perspectiva de Harvey, os autores elucidam que o trabalho assegura ao homem a sobrevivência e sua evolução, transfigurando a natureza primitiva em construída. Dessa forma, o trabalho integra a sociedade, sendo também um motor que possibilita a reprodução e acumulação do sistema capitalista, sendo um elemento essencial para as transformações e desenvolvimentos que ocorrem na sociedade. As relações de trabalho evoluem e se modificam a depender do modo de produção que está em vigência. Contudo, desde a escravidão, a exploração da grande massa – dos trabalhadores – que produz valor é uma constante (Queiroz & Souza, 2020).

Percebe-se que o mundo do trabalho passa por transformações significativas, pois, entre outras questões, se torna em suma desregulamentado; os trabalhadores industriais perdem os seus direitos gradativamente; a força de trabalho humana se vê em condições precarizadas; o sindicalismo de classe é desmantelado; e a classe trabalhadora é fragmentada. O sistema toyotista reconfigura a exploração da mão de obra trabalhista, de maneira mais intensificada – mais-valia, termo conceituado por Marx em seu livro *O Capital* (1984), significando o trabalho que não é remunerado. Para Marx são dois os tipos de mais-valia, sendo estes a absoluta em que o proprietário de uma fábrica eleva as horas de trabalho sem aumentar a remuneração, por exemplo, e a relativa, em que são feitos investimentos em tecnologias que diminuem o tempo de produção, concomitantemente elevando a produtividade do trabalhador, que não é remunerado pela elevação do contingente de produção. Nesse sentido, tem-se uma elevação nas horas extras trabalhadas; as empresas cada vez mais optam pela terceirização; passa-se a contratar pessoas por determinados períodos de tempo – trabalho temporário – entre outras questões. A reestruturação da produção capitalista tem as suas bases em projetos neoliberais, assim, a sociedade ocidental passa a desenvolver técnicas que remetem ao toyotismo (Antunes, 2009).

Antunes (2009) utiliza-se da conceituação classe-que-vive-do-trabalho, expandindo em uma visão contemporânea o conceito de classe trabalhadora desenvolvido por Marx. Nesse sentido, o núcleo do trabalho seriam os trabalhadores produtivos – os que estão diretamente alocados nas linhas produtivas; o que produz de maneira direta a mais valia – compreendendo também os trabalhadores improdutivos. A categoria classe trabalhadora para Antunes (2009) engloba todos os que vendem a sua força de trabalho em troca de um salário.

### **3.2 Mulher e trabalho**

Quando se fala em divisão sexual e social do trabalho, no decorrer da história, as mulheres foram socialmente designadas para a manutenção do trabalho doméstico e reprodutivo e tudo o que estava relacionado aos cuidados do lar e da família (Badinter, 1985; Friedan, 2020; Engels, 2020). Engels (2020) acentua que a primeira maneira da divisão do trabalho por gênero foi a que colocou a mulher na função exclusiva de procriação e do cuidado de seus filhos, ocasionando uma primeira forma de opressão partindo do sexo masculino para o feminino. Nesse sentido, a mulher precisava abrir mão de si mesma para cuidar dos filhos e da família, mesmo que necessitasse enfrentar dores e sofrimentos (Badinter, 1985).

Friedan (2020) tenciona discussões em torno da falta da participação das mulheres na esfera pública apresentando à existência de uma “mística” feminina que reduz a mulher a manutenção da casa. Nessa continuidade, faz-se relevante pontuar que o ideário da mulher dona de casa foi socialmente construído. A mulher, no decorrer da história, é ensinada a se portar como tal exercendo sua feminilidade. Esse ensinamento viria por meio da violência, como evidencia Federici (2019) e de maneira mais delgada como elucidado por Carvalho (2008), por meio de revistas e manuais produzidos para a mulher que funcionavam como material educativo que visavam à construção de uma boa dona de casa, preparando-as para o casamento;

ensinando-as o artesanato, que era propagado como algo disciplinador, na medida em que a Igreja pregava que as mulheres deveriam sempre se manter com as mãos ocupadas para que não houvesse tempo para o surgimento de pensamentos profanos. Canclini (2008) diz que através do ensinamento de técnicas manuais, pregava-se que a felicidade feminina seria resultante de uma vida subordinada a uma devoção ao lar.

Para Federici (2019), a exploração do corpo feminino é intrínseca da lógica do sistema capitalista desde seus períodos iniciais. A autora elucida que a transição do sistema feudalista para o capitalista foi impiedosa com as mulheres, já que elas sofreram um processo degradante socialmente, que é entendido como essencial para a acumulação do capital, que ainda é visto nos dias atuais, designando a mulher para trabalhar em casa sem nenhum tipo de remuneração. No ponto de vista da autora, a caça às bruxas – perseguição de mulheres que descumpriam regras estipuladas pelo Estado pela Igreja, retirando dessas toda sua autonomia – teria sido o grande causador da exclusão da participação de mulheres em várias instâncias da vida, como a participação na esfera pública, sendo este um mecanismo importante para o alicerçamento do modelo acumulativo no início do sistema capitalista.

Antunes (2009) aborda a dualidade presente na inserção do contingente feminino no campo do trabalho. Nesse sentido, a entrada no mercado trabalhista significou para as mulheres uma emancipação parcial. Em contrapartida, o sistema capitalista introduz a força desse trabalho pautado na divisão sociossexual do trabalho, em que as mulheres trabalham, mas de maneira mais intensa, precária e explorada. Assim, o autor exemplifica essa questão, apresentando um caso específico que ocorreu no país Bangladesh, em que algumas grandes empresas de departamento, exploravam o trabalho feminino na produção de vestuário, tendo em vista que as mulheres chegavam há trabalhar 60 horas semanalmente, possuindo como remuneração menos de 30 dólares pelo mês.

Em relação às distinções existentes entre os trabalhos realizados por gênero, destaca-se que os homens predominam o espaço de concepção do capital intensivo, e as mulheres em áreas que requerem menor qualificação, rotineiras e manuais de trabalho intensivo – o autor ainda apresenta outros recortes desta situação, quando diz que estes trabalhos, muitas das vezes, são designados também para imigrantes e negros. Evidencia-se que a participação feminina na esfera do trabalho segue em elevação, contudo, a absorção dessa mão de obra é majoritariamente direcionada para o trabalho *part time* – em jornada parcial –, sem regulamentação, com desníveis salariais significativos em comparação por gênero, de forma terceirizada, muitas das vezes em situações precarizadas, e possuindo jornada de trabalho mais elevadas. Outro apontamento importante elucidado pelo autor diz respeito aos salários pagos para homens e mulheres: mesmo desempenhando uma mesma função, os salários femininos tendem a serem inferiores quando comparados com os masculinos. Os direitos e condições de trabalho também são menos frequentes para as mulheres (Antunes, 2009).

Para Aguiar et al (2020), o trabalho fora da casa passa a ser cada vez mais constante no cotidiano feminino, contudo muitas disparidades insistem em permanecer quando se faz uma comparação em relação aos homens. A jornada tramada pelas mulheres para saírem do lugar exclusivo do trabalho reprodutivo foi difícil, na medida em que a opressão sofrida pelo sexo feminino deixou sequelas que ainda são observadas na atualidade. A mulher avança, mas no geral, ainda não consegue igualdade em relação ao homem, tanto no mercado de trabalho formal, e principalmente no doméstico. Movimentos sociais – essencialmente o feminista – propiciou que mudanças ocorressem garantindo as mulheres melhores condições e geração de empregos. Nessas disparidades, o salário pago as mulheres na maioria das vezes é inferior ao pago aos homens, mesmo desempenhando uma mesma função e possuindo o mesmo grau de qualificação (Probst, 2012; Aguiar et al, 2020; Santos & Destro, 2020).

Ainda de acordo com Antunes (2009), a temática do trabalho pela ótica do gênero é acrescida com a problemática de classe. Assim, a mulher que trabalha, de maneira generalizada, precisa associar o trabalho produtivo com o dito reprodutivo – o trabalho de cuidado, de ser a responsável pela manutenção do espaço doméstico. Nessa articulação entre mundo do trabalho e

do espaço doméstico, a mulher passa por uma dupla exploração pelo capitalismo na medida em que além de ser parte da mão de obra industrial, a mesma, ao cuidar do trabalho doméstico, cria condições essenciais para a realização do trabalho de seus maridos e filhos, sendo esta considerada uma ação indispensável para o funcionamento do metabolismo social do capital.

Através do que fora exposto, compreende-se que, especialmente em relação ao gênero – mas também no tocante da classe – nas atuações nos mundos do trabalho e da casa – da produção e reprodução – tem-se a fixação de “[...] uma construção social sexuada, onde os homens e as mulheres que trabalham são, desde a família e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho [...]” (Antunes, 2009, p. 109). Nesse processo, o sistema capitalista usurpa da desigualdade estabelecida pela divisão sexual do trabalho. Ainda conforme elucidado pelo autor supracitado, a luta das mulheres para se livrar da enclausura da função reprodutiva é uma forma de resilir quanto às formas históricas e sociais da divisão estabelecida por gênero. Assim,

[...] Nesse domínio, a luta feminista emancipatória é pré-capitalista, encontra vigência sob o domínio do capital; será também pós-capitalista, pois o fim da sociedade de classes não significa direta e imediatamente o fim da opressão de gênero. Claro que o fim das formas de opressão de classe, se geradoras de uma forma societal autenticamente livre, autodeterminada e emancipada, possibilitará o aparecimento de condições histórico-sociais nunca anteriormente vistas, capazes de oferecer condicionantes sociais igualitários que permitam a verdadeira existência de subjetividades diferenciadas, livres e autônomas. Aqui, as diferenças de gênero tornam-se completamente distintas e autênticas, capazes por isso de possibilitar relações entre homens e mulheres verdadeiramente desprovidas das formas de opressão existentes nas mais distintas formas de sociedade de classes (Antunes, 2009, p. 110).

Para Fernandez (2018), essa hegemonia e privilégio de características comportamentais (razão, objetividade, vontade de poder, criações sociais sexuadas), que em tradição, são tidas como masculinas, na cultura da sociedade moderna (ocidental), impele (no ponto de vista feminista), uma injustificável concepção que atribui às mulheres características ditas como femininas (a emoção, flexibilidade e subjetividade), sendo estes elementos inferiorizados e marginalizados. Dessa forma, “[...] neste processo, que é a um tempo violento em suas conseqüências, porém sutil em seus meandros, as mulheres foram paulatinamente subjugadas e a sua capacidade de ação, cerceada” (Fernandez, 2018, p. 562). Nessa lógica, para a mesma autora, tem-se destacado a importância da economia feminista que no campo social e econômico, tem como objetivo, indicar os efeitos da dissimetria (em termos de desiguais oportunidades de trabalho e na diferença de remuneração paga para pessoas que possuem uma mesma qualificação e desempenham uma mesma atividade) entre o homem e a mulher.

### **3.3 A mulher e o trabalho artesanal**

Antes de tudo, precisa-se destacar que as mulheres sempre trabalharam. Em tempos passados, o trabalho feminino era apenas doméstico e não possuía valorização e remuneração. Os espaços construídos socialmente a partir de uma divisão por gênero fez com que o espaço doméstico fosse feminino e o público o masculino. A construção social moderna da mulher que cuida da casa atribui a ela características ditas naturais como a delicadeza e aos homens caracterizações como a razão. Nesse aspecto, a mulher foi levada a acreditar que o seu mundo seria a sua casa (Friedan, 2020). Essas representações são produzidas pela sociedade e reproduzidas através da educação e da manutenção dessa dita tradição em meio às novas gerações. Apesar de muito importante, o trabalho feminino era invisível (Perrot, 2013). Por muito tempo as mulheres foram excluídas de cargos que lhes assegurassem reconhecimento social. As ocupações femininas foram continuamente às ligadas ao domicílio, como: a culinária, a tecelagem, a costura, fiação, produção de renda, ou seja, desempenhavam papéis que foram tradicionalmente empregues a figura feminina. Para as mulheres mais pobres, não existia outra escolha: precisavam se sustentar para subsistir (Figueiredo, 2004).

No que tange ao trabalho com o artesanato têxtil, em um contexto histórico, desde a chegada do ofício tecelão ao Brasil no século XVIII, mulheres de todas as etnias, escravas ou não e pertencentes a classes sociais diferentes, passaram a deter do trabalho de fiar e tecer, não só para si mesmas, ou para vestir suas famílias, as produções eram também direcionadas pra a população da província. Esse fato fez com que as mesmas contribuíssem para a manutenção de seus lares e ajudou na geração de riquezas para a província. Na Inglaterra, a abrangência feminina com a produção têxtil rapidamente foi introduzida ao mercado capitalista, colocando as mulheres para trabalhar em fábricas têxteis. O mesmo ocorreu em outras localidades, como no Brasil. Nas mais variadas fábricas têxteis dispostas no Brasil no século XIX, com destaque para as de Minas Gerais, a mão de obra feminina era algo constante (Gonçalves & Lima 2012).

Nos últimos anos do século XIX, o Brasil passou por um processo de modernização, ocasionando transformações socioeconômicas, em que foi desenvolvido um novo perfil de população, principalmente com a participação da mulher no campo do trabalho. Com a industrialização a mão de obra feminina foi absolvida por indústrias, principalmente de setores oriundos do espaço doméstico, como a fiação e a tecelagem. As mulheres foram alocadas ao espaço público, contudo, eram empregadas por motivos como: os valores pagos eram menores em relação ao homem; eram consideradas delicadas para o manuseio de determinados objetos; eram submissas, dentre outras questões atribuídas ao gênero feminino. As atividades desenvolvidas por mulheres começaram a ser desvalorizadas, tanto em relação à remuneração quanto ao prestígio social. Os salários eram baixos, a rotina árdua, e muitas mulheres possuíam uma elevada carga de trabalho, chegando a trabalhar até 14 horas por dia. Contudo, até meados da década de 1960, as mulheres eram destinadas a manutenção doméstica, sendo essa tarefa lhes atribuída como a prioridade de suas vidas (Matos & Borelli, 2012).

Alves e Cunha (2009) utilizam como fonte de análise o livro de regras de costura da SINGER<sup>1</sup>, sendo esta uma fonte histórica documental que auxilia no entendimento a cerca da questão da mulher e o trabalho que elas realizam em esfera privada no ambiente doméstico, suscitando uma discussão que permeia aspectos da família e da divisão do trabalho entre os gêneros. Através dessa fonte é elucidada que as modificações que ocorreram na sociedade e conseqüentemente no interior das famílias – na medida em que na sociedade moderna, as famílias passam a ser predominantemente conjugais e nucleares, ou seja, compostas por pai, mãe e filho – a configuração dessa família passa a ser caracterizada pela hierarquia de gênero, ocasionando na divisão de tarefas entre homens e mulheres.

Nessa perspectiva, a figura feminina foi relegada para a função de manter o espaço privado, possuindo como atribuições as tarefas que eram voltadas para a família – como a costura, o bordado, a tecelagem, entre outras questões – enquanto o homem possuía o encargo de ser o provedor, quem gerenciava o espaço público. A casa para muitas mulheres poderia representar também o seu local e trabalho. Conforme citado pelos autores, em lares chefiados por mulheres, a costura, por exemplo, que era uma atividade ensinada às mulheres desde quando ainda eram crianças, poderia ser a única atividade remunerada que mantinha toda a família. Dessa forma, o trabalho remunerado feito em casa foi, e é uma realidade para mulheres mais pobres. O cotidiano feminino nesse contexto é demarcado por uma dupla – e até tripla – jornada de trabalho, ao associarem o trabalho doméstico com funções remuneradas (Alves & Cunha, 2009).

A mulher, com o passar dos tempos, começou a ocupar o espaço público, e a participação em pequenos negócios comerciais como quitandas e vendas começou a ser uma constata. Outra constante foi o trabalho como ambulante nas ruas na comercialização de flores, entre outras coisas. As mulheres começaram então, a buscar por alternativas para aquisição de suas rendas. Nesse aspecto, o trabalho domiciliar era uma possibilidade, mas agora, possuindo remuneração. A remuneração advinda de o trabalho domiciliar era baixa, mas possibilitava que a mulher conciliasse os trabalhos remunerados com a

---

<sup>1</sup> Grande empresa estadunidense que comercializa máquinas de costura.



manutenção do espaço e com o cuidado de seus dependentes (Matos & Borelli, 2012). Apesar de desvalorizado, o trabalho no domicílio era muito importante:

Mesmo pouco visível (nas sombras), um número expressivo de mulheres trabalhava dessa maneira, particularmente nos chamados trabalhos “de agulha”. A qualificação da mão de obra era feita através do processo de socialização e da educação, ou seja, as mulheres utilizavam no trabalho habilidades apreendidas com outras mulheres ao longo de suas vidas. Destreza, rapidez, repetição e precisão eram elementos importantes para a execução de bordados e rendas, costura, tricô, crochê [...]. Muitas dessas ocupações eram passadas de geração a geração (Matos & Borelli, 2012, p. 64).

A partir do século XX, com a aceleração do desenvolvimento econômico e com o processo de industrialização e urbanização, muita coisa se modificou no Brasil, e novas oportunidades de trabalho surgiram. Nesse aspecto, o trabalho possibilitou que muitas mulheres rompessem com a ideia de que só poderiam trabalhar em âmbito doméstico. A mulher “[...] já não é mais a pobre coitada do imaginário de décadas atrás. Tudo isso contribuiu para a emancipação feminina que se intensificaria nas décadas seguintes” (Pinsky, 2012, p. 245).

A revolução de gênero foi considerada a mudança social mais importante do século XX. As organizações, a educação e os sistemas políticos tornaram-se cada vez mais importantes na vida moderna, enquanto o poder relativo da família está em declínio – este último, um domínio privado patriarcal onde, historicamente, os homens governavam. A participação das mulheres em mais instituições públicas aumentou o que promoveu uma revolução de gênero. Nesse aspecto, os casais precisam cada vez mais encontrar um equilíbrio entre os salários fixos e responsabilidades familiares, que é a mudança fundamental. O fato de ambas as partes precisarem de um trabalho seguro e significativo teve um grande impacto sobre como a vida familiar. Mudanças estão ocorrendo, mas as mulheres ainda são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico. Essa tarefa ainda é desigualmente distribuída por sexo (Biroli, 2018; Guppy, Sakumoto & Wilkes, 2019).

Dentro desse contexto, que analisa o trabalho doméstico, os fazeres manuais, assim como a prática do artesanato têxtil, por um longo período, foram atividades executadas em âmbito doméstico. Historicamente, as mulheres foram as responsáveis pela manutenção do espaço privado, sendo estas as responsáveis pelo feitura de artigos artesanais têxteis. Numa conjuntura atual, Guppy, Sakumoto e Wilkes (2019), elucidam que a atividade doméstica ainda é realizada primordialmente por mulheres. Black, Miller e Leslie (2019), reforçam essa afirmativa ao ilustrarem que o trabalho artesanal têxtil ainda é determinado através da divisão de gênero. Nesse aspecto, as mulheres artesãs enfrentam muitos problemas em várias questões, seja para fomentar sua renda ou para conseguir infraestrutura e manter os seus locais de trabalho – que em muitos dos casos, é a própria casa. Trabalhar em casa apresenta desafios singulares na vida de mulheres artesãs. Ao mesmo tempo em que fabricam o seu artesanato, ou seja, sua fonte de renda, as mesmas precisam ocupar-se dos cuidados com a casa, filhos e dependentes. Nesse aspecto, o trabalho em casa, para muitas mulheres é uma questão de necessidade (Black, Miller & Leslie, 2019).

Conforme apontado por Barbosa e D’Ávila (2014), o tema relacionado à mulher artesã se correlaciona com o estudo do artesanato e do gênero. Nesse sentido, as autoras destacam que o artesanato faz parte da cultura material de uma determinada localidade, estando presente em todos os lugares e fazendo parte da cultura de todos os países do mundo, cada qual com suas especificidades. O fazer artesanal se correlaciona e ajuda a contar a história da própria humanidade, pois, desde os períodos mais remotos, se encontram vestígios da presença de objetos feitos a mão. Dessa forma, entende-se que o artesanato se tornou uma alternativa para que se pudesse adquirir renda. O artesanato possui diversas importâncias, das quais em:

Um cotidiano vivido com habilidade pode representar o êxito das táticas de resistência tão necessário para superar regimes opressivos e desiguais. É, ainda, reconhecido como um ofício feminino, uma abordagem que está relacionada à questão da divisão sexual do trabalho decorrente das relações sociais entre os sexos estabelecidas historicamente. Movimenta a economia gerando empregos diretos e indiretos, incrementa o turismo e o comércio. Finalmente, pode agregar aspectos como desenvolvimento cognitivo, psicológico, político e econômico, tão determinantes para o ‘empoderamento’ individual e coletivo [...] (Barbosa & D’ávila, 2014, p. 150).

Nas pesquisas de Silva (2015), que investiga o trabalho feminino a partir das histórias de vida de mulheres artesãs, é percebido que os relatos acerca da maneira que se aprende o ofício artesanal são parecidos nas falas das mulheres entrevistadas, e delineiam o percurso de vida das mesmas. Nesse contexto, grande parte das mulheres participantes de tal pesquisa relatou que os conhecimentos referentes às técnicas artesanais são advindos da família e assimilados durante a infância, dentro do espaço doméstico, relacionado a tradições e relações familiares, tendo à figura feminina a responsabilidade pela manutenção dessa atividade. Então, o artesanato para essas mulheres é importante por viabilizar o trabalho feminino.

Importante situar que, no artesanato têxtil enquanto um trabalho na sociedade contemporânea existe relações entre o trabalho tradicional com o informal, com o sistema da economia formal – uma vez que os produtores de artesanato revendem seus produtos para lojistas e vendedores. Assim, tem-se relacionados o trabalho realizado em domicílio de maneira informal com o sistema capitalista formal. Nessa circunstância, a ação do mercado consumidor se volta para o processo de tornar o produto artesanal em mercadoria (Keller, 2011; 2014). O artesanato passa então por transformações – seja na maneira de produzir; na aquisição de matéria prima; na produção manufaturada; nos modos de comercialização – que o integram ao sistema capitalista, mas em muitos casos, não perdem sua característica tradicional – tipo de padronagem, desenhos, entre outras questões. Entretanto, como elucidado por Keller (2011), em comunidades em que o há presença de artesanato tradicional, a precariedade tanto de condições trabalhistas quanto de modo de viver ainda permanecem, e os artesãs seguem trabalhando de maneira informal, não possuindo acesso a direitos sociais. Para o autor:

O trabalho artesanal é um fenômeno sociocultural e econômico presente na sociedade contemporânea. Uma atividade produtiva de valor social, cultural econômico exercida em geral de forma informal por grupos de produção espalhados por todo o Brasil e pela América Latina, grupos marcados por relações de família e de vizinhança, formados, em sua grande parte, por mulheres de baixa renda. [...] As principais mudanças do artesanato na sociedade contemporânea estão ligadas aos processos de mercadorização do produto artesanal e internacionalização da venda de artesanato. [...] A produção artesanal no mundo contemporâneo está imersa em relações de produção, de comercialização e de consumo capitalistas (Keller, 2014, p. 3-4).

Nas últimas décadas, vem-se destacando que os trabalhos relativos a economias criativas como a indústria do artesanato, em muitos casos apresentam níveis de precariedade. Salienta-se ainda, que o trabalho com artesanato ainda é definido majoritariamente pela divisão de gênero. As mulheres ainda são as mais ligadas na atividade, e ao trabalharem nos domicílios, enfrentam situações difíceis, uma vez que precisam ocupar-se da realização dos afazeres domésticos, do cuidado com os filhos e demais dependentes, para além de produzir sua fonte de renda (Black, Miller & Leslie, 2019). Nessa circunstância, como apontam Akilandeewari e Pitchai (2018), a carga de trabalho de uma artesã que trabalha no próprio domicílio, é muito elevada, e muitas mulheres chegam a trabalhar até 16 horas por dia. Uma maneira de resiliência a essas problemáticas seria na inserção de artesãs em entidades de economia solidária.

### **3.4 Cooperativas e associações: um mecanismo de fomentação de renda**

No contexto contemporâneo do trabalho relativo a ofícios artesanais no cotidiano da mulher, a inserção de artesãs têxteis – essencialmente em comunidades que produzem um artesanato tradicional – em associações e/ou cooperativas vem sendo destacada por muitos autores. Dentro de um contexto mais geral acerca do cooperativismo, o sistema resulta em uma

economia solidária, possuindo tamanha importância, pois, não apenas auxilia na geração de renda, mas, principalmente, insere e integra as pessoas participantes no mercado consumidor. Singer (2008) afere a economia solidária essa importância, pois, segundo ele, a mesma não se limita ao campo econômico, mas também atua na geração de sociabilidade, gerando por consequência uma melhoria na qualidade de vida dos membros que contribuem entre si. As formas de economia solidária e organização social, segundo Possatti e Dewes (2014) são produzidas e reproduzidas na forma de cooperação e assistência mútua, gerando uma economia mais unida.

Nas últimas duas décadas, esses experimentos relacionados à economia solidária adquiriram conhecimentos inovadores aplicados nos campos da produção, sociedade e meio ambiente. Muitas experiências foram fortalecidas, e essa nova forma de produção e de sociabilidade surgiu entre seus membros. Os membros de cooperativas se engajam na participação democrática direta na vida cotidiana, promovendo uma nova maneira de socialização e de produção. Em todo o mundo, é crucial buscar a sobrevivência e buscar novas formas de experiência e educação coletivas. Homens e mulheres 'simples' estão formando uma nova interação social baseada nas formas objetivas de produção e geração de renda e na disseminação de novos valores culturais, sociais e ambientais (Morais et al, 2011).

O cooperativismo no Brasil, ainda é uma prática relativamente recente. Entretanto, alguns pesquisadores vêm destacando a importância da temática supracitada no contexto do artesanato. Sereno e Keller (2017) e Pereira (2019), desenvolveram seus trabalhos guiados por essa ótica teórica, apresentando os benefícios e as barreiras que a ação cooperada enfrenta na economia do artesanato, especificando que tal sistema possui grande importância no que diz respeito à geração e melhoria de renda e qualidade de vida de comunidades, singularmente das mulheres, em uma circunstância socioeconômica hegemônica do país, que possui como marca o fato de ser desigual, em especial, no que concerne ao gênero. Muitas cooperativas artesanais surgem através da correlação existente entre a sociedade civil organizada e o poder público, como uma possibilidade de geração de emprego e renda, desenvolvendo ações que incluem de maneira direta artesãs no mercado de trabalho.

Conforme já mensurado, numa perspectiva contemporânea acerca do trabalho artesanal, alguns pesquisadores, analisam esse fenômeno com foco na economia solidária, evidenciando os impactos gerados na vida de artesãs que participam de associações ou cooperativas. Nesse aspecto, Akilandeewari e Pitchai (2018) e Shah e Patel (2018), elencam que muitas vezes o fazer artesanal está associado à economia solidária, gerando ingerências sociais e econômicas, especialmente no cotidiano de mulheres artesãs – na medida em que o trabalho dessas é potencializado. Através da participação em entidades de economia solidária, muitas mulheres elevam suas rendas e são capazes de sustentar economicamente suas famílias. Nesse aspecto de aferição de renda para mulheres artesãs, destaca-se que órgãos governamentais são importantes na geração de políticas públicas que possibilitam o desenvolvimento e manutenção destes espaços. (Akilandeewari & Pitchai, 2018).

De acordo com Shah e Patel (2018), o princípio da 'cooperação' é tão antigo quanto à civilização humana. Entidades de economia solidária são elucidadas como uma das melhores formas de organização empresarial, especialmente para a parte mais 'frágil' da sociedade, pois se baseia no princípio de 'Cooperação' e não na 'Concorrência'. Tais entidades trabalham com o valor da ajuda mútua e do bem-estar dos de quem a integra. O 'Artesanato', em especial o têxtil, também está presente na sociedade desde os primórdios da existência humana, e tornou-se uma parte inseparável do estilo de vida do homem. Entretanto, o fazer artesanal tem mudado de acordo com o passar do tempo, sendo executado por motivações distintas, principalmente para serem comercializados (Shah & Patel, 2018).

Nos sistemas industriais, o trabalho remunerado domiciliar é um dos que possuem menos regulamentações. Muitas das mulheres que se encontram neste tipo de trabalho possuem motivos específicos para permanecer no mesmo, sendo geralmente por necessidade; pelo artesanato ser um ofício de tradição e sociocultural; por ser a atividade que sabem e que aprenderam a executar. As entidades de economia solidária surgem para auxiliar essas mulheres na produção, manutenção e

aquisição de renda através de seus trabalhos. Nesse aspecto, evidencia-se que cooperativas, por exemplo, precisam seguir um conjunto de valores e princípios para apoiar a natureza social, sendo focadas nas pessoas e em suas atividades. O modelo de tais entidades é adequado para promover a participação econômica das mulheres de três maneiras principais: aumentando o acesso ao emprego e ao trabalho; auxiliando no diálogo com agências econômicas, possibilitando a democracia, aumentando a experiência de liderança e gestão; e dando voz igual nos processos de tomada de decisão. Nesse sentido, ONGs – Organizações não Governamentais – devem cumprir um papel de ajudar trabalhadoras domésticas a formarem cooperativas. Tais cooperativas precisam auxiliar no fornecimento de matéria-prima, garantindo pagamentos adequados, providenciando crédito e apoio no desenvolvimento do projeto. Instituições governamentais ou organizações voluntárias de assistência social devem se apresentar para reduzir a exploração de mulheres neste tipo de trabalho (Akilandeewari & Pitchai, 2018).

Na sociedade contemporânea, o artesanato tradicional, muitas vezes é submetido a processos que o modificam em consequência da industrialização, da globalização e do advento de novas tecnologias, que modificam a maneira que o mesmo é produzido. Nesse contexto, muitos artesãos deixam a sua ocupação tradicional para se adaptarem ao novo cenário<sup>2</sup>. Os artesãos por si só não são fortes o suficiente para lutar neste mercado competitivo, onde produtos substitutos e mais baratos feitos com máquinas estão facilmente disponíveis e grandes empresas e investidores estrangeiros prenderam todo o mercado. Nessas circunstâncias, as iniciativas com cunho social podem ser mecanismos que auxiliam esses artesãos, protegendo seus interesses econômicos e a manutenção do artesanato tradicional. Estas iniciativas podem auxiliar na produtividade e na comercialização dos produtos artesanais, para, além disso, podem proteger seus membros contra a exploração de seus trabalhos. Nesse sentido, desenvolve nos membros inseridos autoconfiança, cooperação e respeito mútuo, mas para tal, precisam ser gerenciadas com eficiência. Precisa haver descentralização do poder e da democracia na tomada de decisões (Shah & Patel, 2018).

Além dos impactos já citados, entidades de economia solidária podem desempenhar um papel pedagógico, em que cursos e treinamentos podem ser ofertados aos membros, apresentando projetos e inovações mais recentes compatíveis com os mercados contemporâneos. Portanto, pode haver equilíbrio entre dois extremos – práticas convencionais e avanços tecnológicos. Assim, a originalidade e a estética do artesanato podem ser preservadas e sustentadas sem comprometer as demandas dos mercados contemporâneos. Ademais, as cooperativas de mulheres podem oferecer uma boa plataforma para as artesãs envolvidas em práticas manuais, as produções dessas mulheres sejam canalizadas de maneira lucrativa e motivacional. Nessa perspectiva, as cooperativas seriam locais que poderiam agir como mecanismos formalizadores e potencializadores do trabalho de suas associadas (Shah & Patel, 2018),

O artesanato na contemporaneidade enfrenta duas questões que o exclui: Primeiro porque é constituído como um ofício que não se enquadrou na produção massificada contemporânea, por ser um trabalho manual produzido de maneira unitária. Segundo, pois no percurso histórico, o fazer manual fora uma tarefa principalmente feminina – como apontado no decorrer da pesquisa, profissões ditas femininas foram socialmente desvalorizadas em um contexto histórico – usado como forma de mantê-las atreladas ao espaço doméstico. Nesse aspecto, a mulher que trabalha com o artesanato, precisa lidar diariamente com questões ideológicas que naturalizam sua prática como uma função feminina, ideologia essa que reproduz papéis sociais, segregando por gênero e mantendo situações de desigualdade. É nesse contexto que o empoderamento do trabalho feminino representa uma forma de ascender socialmente, ao possibilitar que as mesmas entendam a relevância de suas aptidões, possibilitando comportamentos para produção, criação e gestão, termos que qualificam o empoderamento e que estão presentes no desenvolvimento de técnicas artesanais (Carvalho, 2008; Barbosa & D'ávila, 2014; Lind, 2020).

---

<sup>2</sup> Cenário em que o artesanato se insere no sistema capitalista, sendo muitas vezes produzido de maneira manufaturada. Assim, o artesanato na contemporaneidade está inserido entre o tradicional e o moderno.

Ressalta-se que o empoderamento do trabalho feminino no artesanato, é fortificado através dos conceitos de cooperativismo, entendendo que tal processo pode ser auxiliado pela criação/manutenção de cooperativas/associações, que são uma poderosa força econômica e social, presente na maioria dos países do mundo e na maioria dos setores da economia. Muitas cooperativas estão apoiando a participação econômica das mulheres, surgindo com intuito de promover a autonomia do trabalho feminino. O modelo cooperativo é adequado para promover a participação econômica das mulheres de três maneiras principais: aumentando o acesso ao emprego e ao trabalho; possibilitando a democracia, aumentando a experiência de liderança e de gestão; e dando voz igual nos processos de tomada de decisão (Akilandeewari & Pitchai, 2018).

#### **4. Considerações Finais**

Através das referências consultadas, compreende-se que o trabalho é uma categoria exclusivamente humana. O trabalho artesanal, em uma perspectiva ontológica, é detentor de signos e sentidos distintos para determinados grupos de artesãos – especialmente quando se trata do trabalho feminino, na medida em que é transmitido através de gerações, sendo uma atividade aprendida ainda na infância, podendo ser compreendido como uma ação estabelecida com a finalidade de se rememorar o passado –, tendo essas significações influenciadas pela temporalidade e espaço inserido. Por outro lado, o trabalho artesanal também é compreendido enquanto categoria emprego, na medida em que possui importâncias socioeconômicas em relação a sua potencialidade de geração de renda para muitas pessoas em diversas comunidades do país, essencialmente para as mulheres, que no decorrer histórico, foram as principais responsáveis pela manutenção de atividades artesanais.

No sentido elencado no parágrafo anterior, é sabido que o artesanato está presente no cotidiano da mulher há muito tempo. A mulher, no passado possuía como única atribuição à manutenção do trabalho dito reprodutivo no espaço privado, sendo esta uma atividade que era restritamente relegada à figura feminina. Se no passado trabalhar com artesanato era a única possibilidade de trabalho para as mulheres – devendo se destacar duas questões importantes: a primeira em relação ao artesanato como uma prática pedagógica que fazia parte dos ensinamentos das atribuições que uma mulher abastada precisava ter para ser considerada boa para o casamento. Nessa perspectiva, o artesanato era concebido por mulheres para que estas estivessem com as mãos sempre ocupadas e também para adornar a casa, numa ação conceituada por Carvalho (2008) como centrífuga em que a ‘feminilidade’ da mulher, através do artesanato era espalhada para todos os cantos da casa. A segunda diz respeito ao artesanato já enquanto profissão, assimilado por mulheres de classes inferiores, como uma forma de adquirir renda – na atualidade, existem outras opções empregatícias, mas muitas mulheres continuam praticando ocupações ligadas ao setor artesanal, podendo se tratar ou não de uma escolha.

Num contexto atual, muitas mulheres veem no artesanato uma maneira de adquirir suas rendas. Esse fato pode estar associado com questões ligadas à divisão social e sexual do trabalho, na medida em que a força de trabalho feminina foi inserida no mundo em condições diferentes da masculina. Assim, de maneira geral, as mulheres foram e são alocadas em profissões feminilizadas; recebem salários inferiores aos dos homens mesmo quando exercem uma mesma função; possuem dupla e até tripla jornada de trabalho, já que ainda são as principais responsáveis pela manutenção do espaço privado; são maiormente alocadas a subempregos e representam boa parcela da população desempregada no Brasil.

Nessa ótica, o trabalho com artesanato pode ser assimilado como uma oportunidade de contornar os obstáculos citados, tornando-se uma opção viável que garante o sustento de muitas famílias. Por outro lado, em comunidades específicas, atividades artesanais são praticas ensinadas para as mulheres desde a infância, tornando-se um trabalho que estas passam a ter amplo domínio. Por esse ângulo, o artesanato seria compreendido como uma possibilidade de emprego para as mulheres por elas dominarem as técnicas. Em um terceiro ponto de vista, o artesanato pode ser escolhido como uma profissão por mulheres

por ser uma atividade que pode ser realizada em casa, onde os tempos para produção são escolhidos por elas. Contudo, o trabalho artesanal em suma é caracterizado pela informalidade, e quando realizado dentro do próprio domicílio, possui pouca ou nenhuma garantia no que diz respeito aos direitos trabalhistas. Dessa forma, ao trabalharem em seus lares – e também quando trabalham fora – as mulheres possuem uma carga de trabalho muito elevada, pois, ainda são as principais responsáveis pela manutenção da casa e do cuidado, tornando difícil a conciliação com o trabalho remunerado.

Percebendo que na manutenção do trabalho artesanal no contexto doméstico, as mulheres enfrentam essas situações difíceis, alguns autores elucidam que inserção de artesãs em entidades de economia solidária, pode ser uma forma de auxiliar o trabalho das mesmas, gerando melhoria na aquisição de suas rendas, possibilitando a articulação de uma rede de sociabilidade, e principalmente, gerando o empoderamento do trabalho da mulher artesã.

Por fim, no que concerne a trabalhos futuros, acredita-se que seja interessante que sejam estabelecidas pesquisas que tramem análises de cooperativas artesanais, especialmente em comunidades artesanais, para que seja possível gerar contribuições empíricas para a corrente teórica que estuda o artesanato por essa ótica, destacando como o trabalho cooperado impacta a própria técnica do artesanato e a ação de quem o faz.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Referências

- Aguiar, J. A. R. D., Oliveira, K. L. D., Martins, M. S. C., Dorne, S. R., Pirissato, F. C., Vitto, D. M., Rocha, E. A. da, Pinto, J. M. de P., Rocha, S. S. S., & Alves, A. E. S., & Cunha, T. R. A. (2012). “Livro de costura Singer”: Fonte documental para os estudos sobre trabalho e gênero. *Revista HISTEDBR On-Line*, 9(33), 293–304. <https://doi.org/10.20396/rho.v9i33e.8639542>
- Alves, S. S. (2020). A mulher no mercado de trabalho. *Monumenta - Revista Científica Multidisciplinar UNIBF*, 1(1), 22–34. <https://doi.org/10.29327/221823.1.1-3>
- Akilandeeswari, S., & Pitchai, C. (2018). Cooperatives and the SDGs: Focus on gender equity and women’s empowerment on handicraft industry. *Global Journal for Research Analysis*, 7(12), 3–5. <https://www.worldwidejournals.com/global-journal-for-research-analysis-GJRA/article/cooperatives-and-the-sdgs-focus-on-gender-equityand-womens-empowerment-on-handicraft-industry/OTg4OA==/?is=1&b1=1&k=1>
- Albornoz, S. (1988). *O que é trabalho* (3rd ed.). Brasiliense.
- Badinter, E. (1985). *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Nova Fronteira.
- Barbosa, V. L., & D’Ávila, M. I. (2014). Mulheres e Artesanato: Um ‘Ofício Feminino’ no Povoado do Bichinho/Prados-MG. *Revista Ártemis*, 17(1), 141–152. <https://doi.org/10.15668/1807-8214/artemis.v17n1p141-152>
- Biroli, F. (2019). *Gênero e Desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. Boitempo.
- Black, S., Fox Miller, C., & Leslie, D. (2019). Gender, precarity and hybrid forms of work identity in the virtual domestic arts and crafts industry in Canada and the US. *Gender, Place & Culture*, 26(2), 272–292. <https://doi.org/10.1080/0966369x.2018.1552924>
- Canclini, N. G. (2008). *Culturas híbridas*. Edusp, 2008.
- Engels, F. (2020). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Lafonte.
- Federici, S. (2019). *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Elefante.
- Fernandez, B. P. M. (2018). Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. *Brazilian Journal of Political Economy*, 38(3), 559–583. <https://doi.org/10.1590/0101-35172018-2815>
- Figueiredo, L. (2004). Mulheres nas Minas Gerais. In M. D. Priore & C. Bassanezi (Eds.), *História das mulheres no Brasil* (7th ed.), pp. 119–158. Contexto.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da Pesquisa Científica*. UECE.
- Friedan, B. (2020). *A mística feminina*. Rosa dos Tempos.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. Editora UNESP.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (6th ed.). Atlas.

Gonçalves, I. A., & Lima, J. S. (2012). Formar, moralizar e disciplinar: relações entre patrões e operárias no cotidiano de fábricas têxteis de Minas Gerais. *História Unisinos*, 16(2), 232–243. <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2012.162.06>

Guppy, N., Sakumoto, L., & Wilkes, R. (2019). Social Change and the Gendered Division of Household Labor in Canada. *Canadian Review of Sociology/Revue Canadienne de Sociologie*, 56(2), 178–203. <https://doi.org/10.1111/cars.12242>

Keller, P. F. (2011). Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios. *Sociedade e Cultura*, 14(1), 29–40. <https://doi.org/10.5216/sec.v14i1.15646>

Keller, P. F. (2014). *Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo*. 29a Reunião Brasileira de Antropologia – GT 034: Etnografias do capitalismo, Natal, RN. [http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400624044\\_ARQUIVO\\_KELLER-Paper-ABA-GT34.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400624044_ARQUIVO_KELLER-Paper-ABA-GT34.pdf)

Köche, J. C. (2011). *Fundamentos de metodologia científica*. Petrópolis. Vozes.

Lind, M. F. (2020). Handspinning Tradition in the United States: Traditionalization and Revival. *The Journal of American Folklore*, 133(528), 142. <https://doi.org/10.5406/jamerfolk.133.528.0142>

Matos, M. I., & Borelli, A. (2012). Espaço feminino no mercado produtor. In C. B. Pinsky & J. M. Pedro (Eds.), *Nova história das mulheres* (pp. 126–147). Editora Contexto.

Morais, E. E., Lanza, F., Santos, L. M. L., & Pelanda, S. S. (2011). Propriedades coletivas, cooperativismo e economia solidária no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, 105, 67–88. <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n105/05.pdf>

Pereira, B. N. N. (2019). *(Re)Pensando o papel da mulher no mercado de trabalho: uma análise do sistema cooperativo enquanto instrumento emancipatório para as mulheres artesãs no Brasil*. (Undergraduate Paper (Law School-UFPE)). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/37349>

Perrot, M. (2013). *Minha história das mulheres* (2nd ed.). Contexto.

Pinsky, C. B. (2012). Imagens e Representações I: a era dos modelos rígidos. In C. B. Pinsky & J. M. Pedro (Eds.), *Nova história das mulheres* (pp. 469–512). Contexto.

Possatti, D. M., & Dewes, F. (2014). Cooperação, Economia Solidária e Sociabilidades: estudo de caso na 20a Feira Estadual do Cooperativismo de Santa Maria (FEICOOP). *ALASRU*, 416–434. [http://www.emater.tche.br/site/arquivos\\_pdf/teses/Daniele%20Possatti.pdf](http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Daniele%20Possatti.pdf)

Probst, E. R., & Ramos, P. (2012). A evolução da mulher no mercado de trabalho. *Instituto Catarinense de Pós-Graduação*, 1(1), 1-8. [https://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo\\_jan\\_gen\\_a\\_evolucao\\_da\\_mulher\\_no\\_mercado\\_de\\_trabalho.pdf](https://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_jan_gen_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho.pdf)

Queiroz, F. A., & Souza, L. N. de. (2020). A evolução do conceito de trabalho e sua relação com o desenvolvimento econômico. *Cadernos De Ciências Sociais Aplicadas*, 17(29), p. 146-160. <https://doi.org/10.22481/ccsa.v17i29.6647>

Santos, É. P., & Destro, C. R. F. (2020). A evolução da mulher através do tempo. *ETIC - Encontro De Iniciação Científica* - 16(16). <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/8774>

Sereno, L. F., & Keller, P. F. (2017). Artesãs e cooperativas: a construção social do interesse na ação cooperada na economia do artesanato no Maranhão. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, 22, 11–32. <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10287>

Shah, A., & Patel, R. (2019). Cooperative Initiative: A Ray of Hope for Rural Handicraft Artisans of Surendranagar District of Gujarat. In *Cooperative and Rural Development*, p. 148–155. Reliable Publishing House. [https://www.researchgate.net/publication/330441793\\_Cooperative\\_Initiative\\_A\\_Ray\\_of\\_Hope\\_for\\_Rural\\_Handicraft\\_Artisans\\_of\\_Surendranagar\\_District\\_of\\_Gujarat](https://www.researchgate.net/publication/330441793_Cooperative_Initiative_A_Ray_of_Hope_for_Rural_Handicraft_Artisans_of_Surendranagar_District_of_Gujarat)

Silva, M. A. (2015). Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. *Educar Em Revista*, 55, 247–260. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.36810>

Singer, P. (2008). *Introdução à economia solidária*. Fundação Perseu Abramo.

Tonetto, L. M., Brust-Renck, P. G., & Stein, L. M. (2014). Perspectivas metodológicas na pesquisa sobre o comportamento do consumidor. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(1), 180–195. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932014000100013>

Vieira, V. A., & Tibola, F. (2005). Pesquisa qualitativa em marketing e suas variações: trilhas para pesquisas futuras. *Revista de Administração Contemporânea*, 9(2), 9–33. <https://doi.org/10.1590/s1415-6552005000200002>